

COMO OS MÉDICOS VÊM A SEXUALIDADE EM PORTADORES DE CÂNCER

Waldir Cunha Gonçalves¹

Resumo

Os médicos, bem como os demais profissionais de saúde envolvidos na assistência das portadoras de Câncer, dentre eles os de enfermagem, psicólogos, fisioterapeutas e assistentes sociais, comumente não têm formação acadêmica que os capacite a abordar tema tão amplo e intrincado como a sexualidade humana. Associe-se, a isso, uma natural priorização dos meios diagnósticos, objetivando uma melhor decisão terapêutica para a neoplasia maligna em questão.

A palavra Câncer representa, de fato, mais de cem tipos de doenças, com características algumas vezes assemelhadas, de caráter crônico-degenerativo, que apresentam peculiaridades relacionadas não só ao tempo de evolução e extensão (local, loco-regional, metástases à distância), bem como aos órgãos e sistemas acometidos. Atualmente, no Brasil, representa a segunda causa de morte por doença, fato este que já traduz sua importância e relevância. A palavra câncer tem um forte estigma relacionado com a morte.

Assim, uma vez estabelecido seu diagnóstico, ou mesmo a suspeição do mesmo, desencadeia-se, nas portadoras, um forte desejo de sobreviver

¹Médico, mestrando em Sexologia da UGF/RJ. E-mail: waldirig@globocom

a qualquer "custo", independentemente dos danos orgânicos produzidos pelas terapêuticas disponíveis (cirurgias alargadas, radioterapia, quimioterapia, hormonioterapia), pois, neste momento, tratar o Câncer é a prioridade, ficando a qualidade de vida e a sexualidade em segundo plano, tanto para a paciente como para os profissionais de saúde envolvidos na assistência.

A presença de Disfunção Sexual, em portadores de Câncer, pode variar de 10% a 100%, o que já nos mostra a interferência negativa da moléstia, e de suas formas terapêuticas, sobre a sexualidade humana.

Neste universo de incertezas quanto ao sucesso terapêutico, e porquê não dizer, da cura, controle da doença ou morte, desenvolve-se então uma priorização muitas vezes perversa, que envolve terapeutas, pacientes e familiares, a qual poderia ser minimizada, se os profissionais ligados à assistência tivessem tido, dentro de seu universo de capacitação, formação em sexualidade humana. Isto lhes proporcionaria uma percepção da mesma, na gênese da qualidade de vida de seus pacientes. Assim, poder-se-ia proporcionar uma atenção maior e mais adequada a cada momento da vida das pacientes e uma adequação mais global para todos os fatores envolvidos.